

**VIGILÂNCIA DE DOENÇAS EMERGENTES E REEMERGENTES: DESAFIOS
PARA A SAÚDE GLOBAL E PARA A ATUAÇÃO MULTIPROFISSIONAL**

**SURVEILLANCE OF EMERGING AND RE-EMERGING DISEASES:
CHALLENGES FOR GLOBAL HEALTH AND MULTIPROFESSIONAL ACTION**

**VIGILANCIA DE ENFERMEDADES EMERGENTES Y REEMERGENTES:
DESAFÍOS PARA LA SALUD MUNDIAL Y LA ACCIÓN MULTIPROFESIONAL**

 10.56238/revgeov17n4-069

Vânia Cristina Ribeiro Brilhante

Doutora em Medicina Tropical
Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)
E-mail: vrbrilhante@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4014-808X>

Dayvison Santos de Oliveira

Doutorando em Doenças Tropicais
Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)
E-mail: dayvison.oliveira2005@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1782-4842>

Rita de Cássia Maia Rebelo

Economista
Instituição: Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (IESAM), Universidade da Amazônia
(UNAMA)
E-mail: rebelorita0@gmail.com
Orcid: 0009-0005-2041-4862

Mariana Elizabeth Lopes de Sales

Mestre em Gestão de Riscos e Desastres Naturais na Amazônia
Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)
E-mail: marydts.sespa@gmail.com
Orcid: 0000-0001-8655-2364

Jeane da Silva Facioni

Graduanda em Medicina
Instituição: UNIFG
E-mail: facionijeane@gmail.com
Orcid: 0009-0004-1643-8047



Tchescolly Dias Araujo

Especialista em Farmacologia, Especialista em Farmácia Clínica e Hospitalar

Instituição: Faculdade Única

E-mail: tchescolly25@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0319-2412>**Micheline Santos da Fonseca**

Farmacêutica

Instituição: Universidade da Amazônia (UNAMA)

E-mail: michelinefarmacia@gmail.com

Valdemar Mendes de Moraes Filho

Farmacêutico

Instituição: Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI)

E-mail: Valdemar.morais11@gmail.com

Juliana Botelho Araújo

Mestranda em Ciências Farmacêuticas

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: jubotelho1404@gmail.com

Orcid: 0009-0005-1764-8094

Michelle Barbosa Silva

Graduanda em Farmácia

Instituição: UNIFATECIE

E-mail: michellembasilva@gmail.com

Débora Teruko Kajitani Cruz

Enfermeira

Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA)

E-mail: kajitanidebora@hotmail.com

Arilana de Jesus Carretilha

Pós-graduação em Farmácia Clínica

E-mail: arilanacarretilha12@gmail.com

Jander Marcus Cirino Lopes

Mestre em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida

Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

E-mail: jander.lopes@yahoo.com.br

Orcid: 0009-0002-1819-5910



Aline de Morais Gomes

Mestre em Biociências

Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

E-mail: alinemoraisfarma@gmail.com

Orcid: 0000-0002-5022-2125

Amanda Emanuele dos Santos Correa

Mestra em Ciências da Saúde

Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

E-mail: amanda.emanuele95@gmail.com

Deivid Junio Guilherme De Lanes

Especialista em Farmácia Clínica

Instituição: CFF

E-mail: deividillanes@gmail.com

Rafaela Baliot de Souza

Graduanda em Fisioterapia

Instituição: AFYA Centro Universitário

E-mail: rafaelabaliot9@gmail.com

Jhennifer Stefany Teles Gonçalves Meira

Graduanda em Fisioterapia

Instituição: AFYA Centro Universitário

E-mail: jhenniferstefanytg@gmail.com

Anna Monise Rigon Von Heimburg

Graduanda em Fisioterapia

Instituição: AFYA Centro Universitário

E-mail: moniseanna0@gmail.com

Jean-Claude Martins de Andrade

Graduanda em Fisioterapia

Instituição: AFYA Centro Universitário

E-mail: jeanjejejp@gmail.com

Tassyane Martins Bezerra

Fisioterapeuta

Instituição: AFYA Centro Universitário

E-mail: tassyaneemb@gmail.com

Sirlene de Miranda Julião

Graduanda em Fisioterapia

Instituição: AFYA Centro Universitário

E-mail: sirlenenuliao@gmail.com



Júlia Roberta Silva Garcia

Graduanda em Farmácia
Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
E-mail: robertagarcia1702@gmail.com
Orcid: 0009-0004-2656-7264

Eduardo Silva Rodrigues

Pós-graduado em Traumatologia e Ortopedia
Instituição: AFYA Centro Universitário
E-mail: eduardo.silvarodrigu@afya.com.br

Brayan Almeida Ferreira

Doutorando em Biodiversidade e Biotecnologia
Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
E-mail: brayanenf@hotmail.com
Orcid: 0000-0003-1193-9948

Neide Garcia Ribeiro

Mestra em Fisioterapia Cardiorrespiratória
Instituição: AFYA Centro Universitário
E-mail: neide.ribeiro@afya.com.br

RESUMO

A vigilância de doenças emergentes e reemergentes tem se consolidado como uma das principais estratégias para a proteção da saúde global diante de um cenário marcado por transformações ambientais, sociais e epidemiológicas. Este estudo teve como objetivo analisar os desafios relacionados à vigilância dessas doenças e discutir a importância da atuação multiprofissional na construção de respostas mais eficazes. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão integrativa da literatura, com base em evidências científicas recentes provenientes de bases de dados internacionais. Os resultados apontam que fatores como alterações ambientais, intensificação do contato entre humanos e animais, mobilidade populacional e fragilidades nos sistemas de saúde têm contribuído para o aumento de doenças emergentes e reemergentes. Observa-se também a crescente complexidade do perfil epidemiológico, com a presença simultânea de diferentes agentes infecciosos, além do avanço da resistência antimicrobiana. Nesse contexto, a vigilância epidemiológica enfrenta desafios relacionados à integração de dados, uso de tecnologias e desigualdades estruturais entre países. Destaca-se, ainda, o papel fundamental da equipe multiprofissional no reconhecimento precoce dos agravos, no manejo clínico e na implementação de estratégias de prevenção. Conclui-se que o fortalecimento da vigilância em saúde, aliado à integração entre diferentes áreas do conhecimento e à cooperação internacional, é essencial para enfrentar os desafios atuais e futuros, contribuindo para a segurança sanitária global.

Palavras-chave: Doenças Emergentes. Vigilância Epidemiológica. Saúde Global. Equipe Multiprofissional. Saúde Pública.



ABSTRACT

The surveillance of emerging and reemerging diseases has become a key strategy for protecting global health in a context shaped by environmental, social, and epidemiological transformations. This study aimed to analyze the challenges related to disease surveillance and to discuss the importance of multiprofessional practice in developing effective responses. This is a qualitative study conducted through an integrative literature review, based on recent scientific evidence from international databases. The findings indicate that environmental changes, increased human–animal interaction, population mobility, and weaknesses in health systems have contributed to the rise of emerging and reemerging diseases. The epidemiological profile has become more complex, with the coexistence of multiple infectious agents and the growing threat of antimicrobial resistance. In this context, epidemiological surveillance faces challenges related to data integration, technological use, and structural inequalities across countries. The role of multiprofessional teams is highlighted as essential for early detection, clinical management, and implementation of preventive strategies. It is concluded that strengthening health surveillance, combined with interdisciplinary collaboration and international cooperation, is crucial to address current and future challenges, ensuring global health security.

Keywords: Emerging Diseases. Epidemiological Surveillance. Global Health. Multiprofessional Team. Public Health.

RESUMEN

La vigilancia de enfermedades emergentes y reemergentes se ha convertido en una estrategia clave para proteger la salud mundial en un contexto marcado por cambios ambientales, sociales y epidemiológicos. Este estudio tuvo como objetivo analizar los desafíos relacionados con la vigilancia de estas enfermedades y discutir la importancia de la acción multidisciplinaria para construir respuestas más efectivas. Se trata de un estudio de investigación cualitativa, desarrollado a través de una revisión integradora de la literatura, basada en evidencia científica reciente de bases de datos internacionales. Los resultados indican que factores como los cambios ambientales, el mayor contacto entre humanos y animales, la movilidad de la población y las debilidades en los sistemas de salud han contribuido al aumento de enfermedades emergentes y reemergentes. También se observa la creciente complejidad del perfil epidemiológico, con la presencia simultánea de diferentes agentes infecciosos, además del avance de la resistencia antimicrobiana. En este contexto, la vigilancia epidemiológica enfrenta desafíos relacionados con la integración de datos, el uso de tecnologías y las desigualdades estructurales entre países. Además, se destaca el papel fundamental del equipo multidisciplinario en el reconocimiento temprano de problemas de salud, el manejo clínico y la implementación de estrategias de prevención. Se concluye que fortalecer la vigilancia epidemiológica, junto con la integración entre diferentes áreas del conocimiento y la cooperación internacional, es esencial para afrontar los desafíos actuales y futuros, contribuyendo así a la seguridad sanitaria mundial.

Palabras clave: Enfermedades Emergentes. Vigilancia Epidemiológica. Salud Global. Equipo Multidisciplinario. Salud Pública.



1 INTRODUÇÃO

A vigilância de doenças emergentes e reemergentes tem assumido um papel central na organização dos sistemas de saúde em todo o mundo. Nas últimas décadas, o aumento na frequência de surtos infecciosos, aliado à rápida disseminação de agentes patogênicos entre países e continentes, evidenciou a necessidade de fortalecer mecanismos de monitoramento e resposta em saúde pública. Esse cenário não é resultado de um único fator, mas de um conjunto de transformações que envolvem mudanças ambientais, intensificação da mobilidade humana, crescimento populacional e maior interação entre humanos, animais e ecossistemas (JONES et al., 2008; HILDERINK; DE WINTER, 2021).

Nesse contexto, observa-se que a maioria das doenças emergentes possui origem zoonótica, o que reforça a importância de abordagens integradas como o conceito de One Health, que considera a interdependência entre saúde humana, animal e ambiental. Estudos recentes apontam que a fragmentação dos ecossistemas e a perda de biodiversidade favorecem o surgimento de novos patógenos, ampliando o risco de epidemias e pandemias (ROSENTHAL et al., 2015; LANCET COMMISSION, 2026). Essa realidade exige que os sistemas de vigilância sejam capazes de identificar precocemente esses eventos, evitando sua expansão.

Além disso, a vigilância epidemiológica enfrenta desafios importantes relacionados à infraestrutura, à integração de dados e à capacidade de resposta dos sistemas de saúde. Apesar dos avanços tecnológicos, muitos países ainda apresentam fragilidades na coleta e análise de informações em tempo real, o que compromete a efetividade das ações de controle. Relatórios internacionais destacam que a resistência antimicrobiana e a circulação de novos agentes infecciosos representam ameaças crescentes, exigindo estratégias mais robustas e coordenadas em nível global (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2025; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2023).

Outro ponto relevante refere-se à diversidade de agentes infecciosos emergentes e reemergentes que vêm sendo identificados em diferentes regiões do mundo. Estudos recentes descrevem a ocorrência de surtos relacionados a vírus como o Oropouche, infecções por influenza com potencial zoonótico, além da reemergência de doenças como hanseníase e dengue em novos contextos epidemiológicos (IGLÓI et al., 2025; DAMDINJAV et al., 2025; AUYEUNG et al., 2025; VAN DER ENDE et al., 2025). Esses achados evidenciam que o comportamento das doenças infecciosas está em constante transformação, exigindo vigilância contínua e adaptativa.

A ocorrência de surtos também tem sido associada a fatores específicos, como eventos ambientais, práticas agropecuárias e condições sanitárias inadequadas. Pesquisas apontam que surtos de infecções bacterianas e virais, incluindo salmonelose e encefalomyelites, têm sido registrados em diferentes contextos, reforçando a necessidade de monitoramento integrado entre setores (PIÑA-ITURBE et al., 2025; FRABASILE et al., 2025; LI et al., 2025). Além disso, a reemergência de doenças



como a varíola dos macacos evidencia que patógenos anteriormente considerados controlados podem voltar a representar ameaça à saúde pública (BBOSA et al., 2025).

Ao mesmo tempo, observa-se um avanço no desenvolvimento de tecnologias voltadas à vigilância em saúde. Sistemas digitais, análise de dados em larga escala e novas metodologias de monitoramento têm contribuído para melhorar a detecção precoce de surtos e a tomada de decisão em saúde pública. No entanto, esses avanços ainda coexistem com desafios relacionados à privacidade, à governança de dados e à equidade no acesso às tecnologias, especialmente em países de baixa e média renda (SHEN et al., 2025; AHMED, 2024; SERGEANT, 2025).

Outro aspecto importante diz respeito à necessidade de integração entre diferentes níveis de atenção à saúde e entre distintas áreas do conhecimento. A vigilância de doenças emergentes não pode ser compreendida como uma responsabilidade exclusiva de epidemiologistas, mas como um processo que envolve médicos, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas, dentistas e profissionais da saúde coletiva. Essa atuação multiprofissional é essencial para garantir a identificação precoce de casos, o manejo adequado dos pacientes e a implementação de estratégias de prevenção (DE GAETANO et al., 2025; WALKER et al., 2025).

Diante desse cenário, torna-se evidente que a vigilância de doenças emergentes e reemergentes é um elemento fundamental para a segurança sanitária global. Mais do que monitorar doenças, trata-se de compreender os processos que favorecem seu surgimento e disseminação, integrando ciência, tecnologia e prática profissional. Assim, este estudo tem como objetivo discutir os principais desafios relacionados à vigilância dessas doenças e analisar o papel da atuação multiprofissional na construção de respostas mais eficazes para a saúde global contemporânea.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 DOENÇAS EMERGENTES E REEMERGENTES: UM CENÁRIO EM TRANSFORMAÇÃO

Nas últimas décadas, a ocorrência de doenças emergentes e reemergentes tem se tornado cada vez mais frequente, refletindo mudanças profundas na relação entre o ser humano, o ambiente e os agentes infecciosos. Esse fenômeno não é recente, mas ganhou maior visibilidade diante da intensificação de surtos globais e da rápida disseminação de doenças entre diferentes países. Estudos clássicos já apontavam essa tendência, destacando que a emergência de novos patógenos está diretamente relacionada a transformações ambientais e sociais (JONES et al., 2008).

Com o avanço das pesquisas, tornou-se evidente que esses processos continuam ativos e, em muitos casos, mais intensos. A literatura atual reforça que o aumento das doenças infecciosas está associado a fatores como urbanização desordenada, globalização e maior mobilidade populacional. Além disso, a circulação constante de pessoas e mercadorias contribui para a rápida disseminação de



agentes infecciosos, tornando os surtos mais difíceis de controlar (WALKER et al., 2025; DE GAETANO et al., 2025).

Outro ponto importante é que muitas dessas doenças não surgem de forma totalmente nova, mas reaparecem em contextos diferentes, com maior intensidade ou em áreas onde antes não eram comuns. Isso caracteriza as chamadas doenças reemergentes, que representam um desafio adicional para os sistemas de saúde.

2.2 ZOONOSES E A RELAÇÃO ENTRE HUMANOS, ANIMAIS E AMBIENTE

Grande parte das doenças emergentes têm origem zoonótica, ou seja, são transmitidas entre animais e seres humanos. Esse tipo de transmissão evidencia a forte conexão entre saúde humana, saúde animal e meio ambiente. Estudos indicam que alterações nos ecossistemas, como desmatamento e perda de biodiversidade, aumentam o contato entre humanos e animais, favorecendo o surgimento de novos patógenos (ROSENTHAL et al., 2015; HILDERINK; DE WINTER, 2021).

Nesse contexto, o conceito de One Health tem ganhado destaque, propondo uma abordagem integrada para a compreensão e o enfrentamento das doenças. A ideia central é que não é possível tratar a saúde humana de forma isolada, sem considerar os impactos ambientais e as condições de saúde animal. Relatórios recentes reforçam que essa integração é essencial para prevenir futuras pandemias e melhorar a capacidade de resposta dos sistemas de saúde (LANCET COMMISSION, 2026).

Além disso, estudos mais recentes mostram que a circulação de vírus zoonóticos continua sendo uma preocupação constante. Infecções como influenza de origem animal e outros vírus emergentes demonstram que o risco permanece elevado, especialmente em regiões onde há maior interação entre humanos e animais (DAMDINJAV et al., 2025).

2.3 SISTEMAS DE VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA: AVANÇOS E LIMITAÇÕES

A vigilância epidemiológica é um dos pilares fundamentais para o controle de doenças emergentes e reemergentes. Ela permite identificar precocemente surtos, monitorar a disseminação de doenças e orientar ações de prevenção e controle. Nos últimos anos, houve avanços importantes nesse campo, especialmente com o uso de tecnologias digitais e análise de grandes volumes de dados (SHEN et al., 2025).

No entanto, apesar desses avanços, ainda existem desafios significativos. Muitos países enfrentam dificuldades relacionadas à infraestrutura, à integração de sistemas e à qualidade dos dados disponíveis. A falta de padronização na coleta e no compartilhamento de informações pode comprometer a eficiência das ações de vigilância, dificultando respostas rápidas a surtos (AHMED, 2024).



Além disso, questões relacionadas à privacidade e ao uso de dados têm sido cada vez mais discutidas. O equilíbrio entre a necessidade de monitoramento em saúde e a proteção de informações individuais representa um desafio importante para os sistemas de vigilância contemporâneos (SERGEANT, 2025).

2.4 DOENÇAS EMERGENTES NO CONTEXTO ATUAL: EXEMPLOS E EVIDÊNCIAS

A literatura recente apresenta diversos exemplos de doenças emergentes e reemergentes que ilustram os desafios enfrentados pelos sistemas de saúde. Entre eles, destacam-se surtos de vírus como o Oropouche, a circulação simultânea de diferentes sorotipos de dengue e a reemergência de doenças como a hanseníase em determinados contextos (IGLÓI et al., 2025; VAN DER ENDE et al., 2025; AUYEUNG et al., 2025).

Além disso, infecções bacterianas e surtos alimentares continuam representando um problema relevante. Casos relacionados à salmonela e outras infecções mostram que a vigilância deve ser constante e abrangente, considerando diferentes vias de transmissão (PIÑA-ITURBE et al., 2025; LI et al., 2025).

Outro exemplo importante refere-se à reemergência de doenças virais como a varíola dos macacos, que evidenciou a capacidade de patógenos anteriormente controlados voltarem a circular em escala global. Esses episódios reforçam a necessidade de sistemas de vigilância preparados para lidar com diferentes tipos de ameaças (BBOSA et al., 2025).

2.5 RESISTÊNCIA ANTIMICROBIANA E NOVOS DESAFIOS EM SAÚDE

A resistência antimicrobiana tem sido apontada como uma das maiores ameaças à saúde global. O uso inadequado de antibióticos e outros medicamentos tem contribuído para o surgimento de microrganismos resistentes, dificultando o tratamento de infecções e aumentando o risco de complicações (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2025).

Esse problema não se limita ao ambiente hospitalar, mas envolve também práticas comunitárias e o uso de antimicrobianos na produção animal. A resistência antimicrobiana está diretamente relacionada à vigilância em saúde, uma vez que o monitoramento desses casos é essencial para orientar políticas públicas e estratégias de controle (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2023).

Além disso, a presença de patógenos resistentes pode agravar o impacto de doenças emergentes, tornando surtos mais difíceis de controlar e aumentando a mortalidade associada.

2.6 DESAFIOS GLOBAIS E A NECESSIDADE DE INTEGRAÇÃO EM SAÚDE

Os desafios relacionados às doenças emergentes e reemergentes não podem ser enfrentados de forma isolada. A literatura aponta que a cooperação internacional é fundamental para o



desenvolvimento de estratégias eficazes de vigilância e controle. A troca de informações entre países, o fortalecimento de redes de monitoramento e o investimento em pesquisa são elementos essenciais nesse processo, permitindo respostas mais rápidas e coordenadas diante de ameaças sanitárias (WALKER et al., 2025; DE GAETANO et al., 2025).

Além disso, a atuação de organizações internacionais tem sido decisiva na consolidação de sistemas de vigilância mais estruturados. Instituições como a Organização Mundial da Saúde e o Centers for Disease Control and Prevention desempenham papel importante na padronização de protocolos, no monitoramento de surtos e na disseminação de informações atualizadas sobre doenças emergentes em diferentes regiões do mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2023; CDC, 2025).

Outro aspecto relevante é a necessidade de integração entre os diferentes níveis de atenção à saúde e entre distintas áreas do conhecimento. A vigilância de doenças emergentes não pode ser compreendida como uma responsabilidade isolada, mas como um processo que envolve médicos, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas, cirurgiões-dentistas e profissionais da saúde coletiva. Essa atuação multiprofissional fortalece a identificação precoce de casos, o manejo clínico adequado e a implementação de estratégias de prevenção.

Por fim, a integração entre setores, como saúde, meio ambiente e produção de alimentos, torna-se essencial para enfrentar a complexidade dos fatores envolvidos na emergência de doenças. Essa articulação amplia a capacidade de resposta dos sistemas de saúde e contribui para a construção de estratégias mais eficazes e sustentáveis no enfrentamento de desafios globais.

2.7 PERSPECTIVAS FUTURAS DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE

O futuro da vigilância em saúde está diretamente relacionado à capacidade de adaptação dos sistemas de saúde frente às novas ameaças. A incorporação de tecnologias digitais, inteligência de dados e monitoramento em tempo real tende a fortalecer a capacidade de resposta, permitindo ações mais rápidas e eficazes (SHEN et al., 2025).

No entanto, esses avanços devem ser acompanhados de políticas que garantam equidade no acesso às tecnologias e respeito à privacidade dos indivíduos. Além disso, é fundamental investir na formação dos profissionais de saúde, preparando-os para lidar com cenários cada vez mais complexos.

De forma geral, a literatura indica que a vigilância de doenças emergentes e reemergentes continuará sendo um dos principais desafios da saúde global. Enfrentar esse cenário exige integração entre ciência, prática profissional e políticas públicas, além de uma visão ampliada que reconheça a interdependência entre saúde, ambiente e sociedade.



3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, com caráter teórico-analítico, estruturado por meio de revisão integrativa da literatura científica. A escolha desse delineamento partiu da necessidade de compreender, de forma mais ampla e contextualizada, os desafios relacionados à vigilância de doenças emergentes e reemergentes, bem como o papel da atuação multiprofissional diante desse cenário. Ao invés de se limitar à descrição de dados isolados, buscou-se interpretar as evidências disponíveis de forma crítica, considerando diferentes dimensões do fenômeno, como aspectos epidemiológicos, sociais, organizacionais e assistenciais.

A revisão integrativa permitiu reunir estudos com diferentes metodologias, ampliando a capacidade de análise e possibilitando uma visão mais próxima da realidade enfrentada pelos sistemas de saúde. Essa abordagem também favorece a construção de uma narrativa coerente, conectando achados científicos com a prática em saúde.

3.2 ESTRATÉGIA DE BUSCA E BASES DE DADOS

A busca das evidências foi realizada em bases de dados reconhecidas internacionalmente, selecionadas por sua relevância na área da saúde pública, epidemiologia e doenças infecciosas. Foram utilizadas as seguintes bases:

- PubMed/MEDLINE
- Scopus
- Web of Science
- ScienceDirect
- SciELO
- Google Scholar

Além disso, foram consultados relatórios institucionais de organizações internacionais, como a Organização Mundial da Saúde (WHO) e o Centers for Disease Control and Prevention (CDC), devido à sua importância na produção de dados sobre vigilância epidemiológica em nível global.

Para a busca, foram utilizados descritores em português e inglês, combinados por operadores booleanos (AND e OR), com o objetivo de ampliar a abrangência e garantir a relevância dos resultados. Entre os principais termos utilizados, destacam-se:

- doenças emergentes
- doenças reemergentes
- vigilância epidemiológica
- saúde global



- emerging infectious diseases
- disease surveillance
- global health
- zoonotic diseases

A combinação desses descritores permitiu identificar estudos diretamente relacionados ao tema proposto.

3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram incluídos no estudo artigos científicos publicados em periódicos revisados por pares, revisões sistemáticas, estudos epidemiológicos e documentos institucionais que abordassem:

- vigilância de doenças emergentes e reemergentes
- surtos infecciosos e sua dinâmica epidemiológica
- desafios dos sistemas de saúde na detecção e controle de doenças
- abordagens multiprofissionais em saúde

Também foram considerados estudos disponíveis em inglês, português e espanhol, com acesso ao texto completo.

Foram excluídos trabalhos duplicados, estudos com foco exclusivamente laboratorial sem aplicação em saúde pública, publicações sem rigor científico e materiais que não apresentavam relação direta com o tema.

3.4 PERÍODO DE ANÁLISE

Foram priorizadas publicações entre os anos de 2020 e 2025, período que concentra avanços recentes na vigilância de doenças emergentes e reemergentes, especialmente após eventos sanitários de grande impacto global. No entanto, estudos clássicos e amplamente reconhecidos na literatura científica foram incluídos quando considerados fundamentais para a compreensão teórica e conceitual do tema, contribuindo para uma análise mais consistente e aprofundada.

3.5 PROCESSO DE SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Inicialmente, foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos estudos identificados, com o objetivo de selecionar aqueles mais alinhados ao tema. Em seguida, os artigos selecionados foram analisados na íntegra, permitindo avaliar sua relevância e contribuição para o estudo.



Ao final desse processo, foram selecionadas 20 referências científicas principais, que compuseram a base teórica do trabalho. As informações extraídas foram organizadas de forma temática, permitindo estruturar a análise em eixos centrais, tais como:

- dinâmica das doenças emergentes e reemergentes
- sistemas de vigilância epidemiológica
- desafios globais em saúde
- papel da equipe multiprofissional

Essa organização contribuiu para a construção de uma discussão mais clara e integrada.

3.6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise dos estudos foi conduzida de forma interpretativa, buscando identificar padrões, convergências e lacunas na literatura científica. A síntese das evidências foi realizada de maneira narrativa, com foco na construção de um texto claro, coerente e próximo da realidade da prática em saúde.

Essa etapa permitiu não apenas descrever os achados, mas também refletir sobre suas implicações para a organização dos serviços de saúde e para a atuação multiprofissional, valorizando a integração entre diferentes áreas do conhecimento.

3.7 RIGOR CIENTÍFICO

O rigor metodológico foi assegurado pela seleção de estudos provenientes de bases reconhecidas, pela utilização de critérios claros de inclusão e exclusão e pela análise crítica das evidências. Buscou-se manter fidelidade às informações apresentadas nos estudos, evitando interpretações distorcidas ou generalizações indevidas.

Além disso, a diversidade das fontes permitiu contemplar diferentes perspectivas científicas, fortalecendo a consistência da análise e contribuindo para uma abordagem mais completa do tema.

3.8 ASPECTOS ÉTICOS

Por tratar-se de um estudo baseado exclusivamente em dados secundários provenientes da literatura científica, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Todas as fontes utilizadas foram devidamente citadas ao longo do texto, respeitando os princípios éticos da produção científica e garantindo transparência no processo de construção do conhecimento.



4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das evidências reunidas permite compreender que a vigilância de doenças emergentes e reemergentes deixou de ser uma atividade restrita a contextos específicos e passou a ocupar uma posição estratégica na organização dos sistemas de saúde. Os estudos analisados mostram que há um aumento consistente na ocorrência de eventos infecciosos em diferentes regiões do mundo, o que confirma uma mudança no comportamento epidemiológico dessas doenças. Esse cenário já havia sido sinalizado em estudos anteriores, mas atualmente se apresenta de forma mais evidente, impulsionado por transformações ambientais, sociais e econômicas (JONES et al., 2008; WALKER et al., 2025).

Um dos principais resultados observados diz respeito à forte relação entre o surgimento de doenças e as mudanças nos ecossistemas. A literatura evidencia que a intensificação do contato entre humanos e animais, associada à degradação ambiental, cria condições favoráveis para a transmissão de patógenos. Esse processo não ocorre de maneira isolada, mas como resultado de uma série de fatores interligados, incluindo desmatamento, urbanização e expansão agrícola. Nesse contexto, as zoonoses se destacam como um dos principais desafios atuais, reforçando a necessidade de abordagens integradas em saúde (ROSENTHAL et al., 2015; HILDERINK; DE WINTER, 2021).

A discussão também revela que, embora existam avanços importantes na vigilância epidemiológica, ainda persistem limitações que comprometem a efetividade das ações. A adoção de tecnologias digitais e sistemas de monitoramento em tempo real tem contribuído para melhorar a detecção de surtos, mas esses recursos não estão disponíveis de forma equitativa em todos os países. Em muitos contextos, a vigilância ainda depende de sistemas fragmentados, com dificuldades na integração de dados e na comunicação entre diferentes níveis de atenção (SHEN et al., 2025; AHMED, 2024).

Além disso, questões relacionadas à governança e ao uso de informações têm ganhado destaque. A necessidade de coletar dados em larga escala para monitorar doenças esbarra em desafios éticos, especialmente no que se refere à privacidade e ao uso adequado dessas informações. Esse aspecto evidencia que o avanço tecnológico, por si só, não é suficiente, sendo necessário estabelecer diretrizes claras que garantam segurança e transparência no uso dos dados (SERGEANT, 2025).

Outro ponto relevante identificado nos estudos refere-se à diversidade de agentes infecciosos envolvidos nos eventos emergentes. A ocorrência de surtos relacionados a diferentes patógenos, como vírus, bactérias e parasitas, demonstra que a vigilância deve ser ampla e adaptável. Casos recentes envolvendo vírus como Oropouche, influenza de origem zoonótica e a circulação simultânea de diferentes sorotipos de dengue ilustram a complexidade do cenário atual (IGLÓI et al., 2025; DAMDINJAV et al., 2025; VAN DER ENDE et al., 2025).

A reemergência de doenças anteriormente consideradas controladas também chama atenção. Episódios envolvendo hanseníase e varíola dos macacos indicam que o controle dessas enfermidades



não é definitivo, podendo haver recrudescimento em determinadas condições. Esse fenômeno reforça a importância da vigilância contínua e da manutenção de estratégias de prevenção mesmo para doenças que apresentam redução de casos em determinados períodos (AUYEUNG et al., 2025; BBOSA et al., 2025).

No campo das infecções bacterianas, os estudos destacam a persistência de surtos associados a condições sanitárias inadequadas e falhas na cadeia de produção de alimentos. Casos relacionados à salmonela e outras bactérias evidenciam que a vigilância deve abranger diferentes setores, incluindo saúde, agricultura e indústria alimentícia. Esse tipo de abordagem intersetorial é fundamental para reduzir riscos e evitar a disseminação de doenças (PIÑA-ITURBE et al., 2025; LI et al., 2025).

A resistência antimicrobiana aparece como um dos resultados mais preocupantes dentro desse cenário. A literatura mostra que o aumento de microrganismos resistentes tem dificultado o tratamento de infecções e ampliado os riscos associados a surtos. Esse problema está diretamente relacionado ao uso inadequado de medicamentos e à falta de controle em diferentes níveis, exigindo ações coordenadas e contínuas (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2025). Além disso, a vigilância desses casos é essencial para orientar estratégias de controle e reduzir o impacto sobre os sistemas de saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2023).

Outro aspecto que merece destaque é a importância da atuação multiprofissional. Os estudos analisados indicam que a resposta às doenças emergentes não pode ser limitada a uma única área do conhecimento. A participação de médicos, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas, dentistas e profissionais da saúde coletiva é fundamental para garantir uma abordagem mais completa, desde a identificação dos casos até o acompanhamento dos pacientes e a implementação de medidas preventivas (DE GAETANO et al., 2025).

A integração entre esses profissionais contribui para melhorar a qualidade do cuidado e fortalecer as ações de vigilância. Além disso, permite uma melhor compreensão dos determinantes sociais e ambientais que influenciam a ocorrência das doenças. Essa visão ampliada é essencial para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e sustentáveis.

A discussão também evidencia a importância da cooperação internacional. A troca de informações entre países, o compartilhamento de dados epidemiológicos e a construção de redes de vigilância são elementos fundamentais para enfrentar ameaças globais. A atuação de organizações internacionais, como a Organização Mundial da Saúde e o CDC, tem sido decisiva nesse processo, contribuindo para a padronização de protocolos e para o fortalecimento da vigilância em diferentes regiões (CDC, 2025).

De forma geral, os resultados indicam que a vigilância de doenças emergentes e reemergentes enfrenta desafios complexos, que vão além da identificação de casos. Trata-se de um processo que envolve fatores ambientais, sociais, tecnológicos e organizacionais, exigindo uma abordagem



integrada e contínua. A capacidade de resposta dos sistemas de saúde depende não apenas de recursos tecnológicos, mas também da articulação entre diferentes áreas e da construção de políticas públicas consistentes.

Diante desse cenário, fica evidente que o fortalecimento da vigilância em saúde é uma necessidade urgente. Investir em estrutura, qualificação profissional e integração entre setores é fundamental para enfrentar os desafios atuais e futuros. Mais do que reagir a surtos, é preciso desenvolver estratégias que permitam antecipar riscos e reduzir impactos, garantindo maior segurança para as populações.

5 CONCLUSÃO

A vigilância de doenças emergentes e reemergentes se consolida, atualmente, como um dos pilares mais importantes para a proteção da saúde global. Ao longo deste estudo, foi possível perceber que o aumento na ocorrência dessas doenças não é um evento isolado, mas resultado de transformações profundas que envolvem o ambiente, a dinâmica populacional e a forma como os sistemas de saúde estão organizados. Esse cenário exige uma mudança de postura, deixando de atuar apenas de forma reativa para assumir uma abordagem mais preventiva e integrada.

Os achados discutidos evidenciam que a complexidade das doenças emergentes vai além da identificação de novos agentes infecciosos. Trata-se de compreender os processos que favorecem seu surgimento, sua disseminação e seus impactos sobre as populações. A forte relação entre degradação ambiental, zoonoses e mudanças no comportamento epidemiológico reforça a necessidade de olhar para a saúde de forma ampliada, considerando suas múltiplas dimensões.

Outro ponto que se destaca é que, apesar dos avanços tecnológicos e científicos, ainda existem lacunas importantes nos sistemas de vigilância. Problemas relacionados à integração de dados, desigualdade no acesso às tecnologias e limitações estruturais continuam sendo desafios presentes em diferentes contextos. Isso demonstra que o fortalecimento da vigilância não depende apenas de inovação, mas também de organização, planejamento e investimento contínuo.

A resistência antimicrobiana, a reemergência de doenças e a circulação de novos patógenos mostram que os desafios tendem a se intensificar nos próximos anos. Diante disso, torna-se essencial fortalecer estratégias de monitoramento, ampliar a capacidade de resposta dos serviços de saúde e investir na formação dos profissionais que atuam diretamente no cuidado.

Nesse contexto, a atuação multiprofissional se mostra indispensável. A integração entre médicos, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas, cirurgiões-dentistas e profissionais da saúde coletiva permite uma abordagem mais completa, que vai desde a identificação precoce dos casos até a implementação de ações de prevenção e controle. Essa articulação entre diferentes áreas do conhecimento contribui para respostas mais eficazes e alinhadas às necessidades reais das populações.



Além disso, a cooperação internacional se apresenta como um elemento fundamental para o enfrentamento das doenças emergentes. O compartilhamento de informações, a padronização de protocolos e o fortalecimento de redes globais de vigilância são estratégias essenciais para reduzir riscos e evitar a disseminação de surtos em escala mundial.

Dessa forma, conclui-se que a vigilância de doenças emergentes e reemergentes não pode ser compreendida apenas como uma atividade técnica, mas como uma estratégia essencial para garantir a segurança sanitária global. Enfrentar os desafios atuais exige integração entre ciência, prática profissional e políticas públicas, além de um compromisso contínuo com a promoção da saúde e a prevenção de riscos. O futuro da saúde dependerá, em grande parte, da capacidade de antecipar cenários, fortalecer sistemas de vigilância e atuar de forma colaborativa diante de um mundo cada vez mais interconectado.



REFERÊNCIAS

- AHMED, R. Global surveillance systems for emerging infectious diseases: infrastructure and challenges. *Premier Journal of Data Science*, 2024.
- AUYEUNG, A. B.; et al. Leprosy reemergence and epidemiological implications. *Emerging Infectious Diseases*, 2025.
- BBOSA, N.; et al. Human monkeypox infections: case reports and global implications. *Emerging Infectious Diseases*, 2025.
- DAMDINJAV, B.; et al. Influenza A spillover infections and zoonotic risks. *Emerging Infectious Diseases*, 2025.
- DE GAETANO, S.; et al. Global trends in emerging infectious diseases and prevention strategies. *Tropical Medicine and Infectious Disease*, v. 5, n. 2, 2025.
- HILDERINK, H.; DE WINTER, L. Global health and zoonotic disease emergence. *Environmental Health Perspectives*, v. 129, n. 6, 2021.
- IGLÓI, Z.; et al. Detection of Oropouche virus in human biological samples. *Emerging Infectious Diseases*, 2025.
- JONES, K. E.; et al. Global trends in emerging infectious diseases. *Nature*, v. 451, p. 990–993, 2008.
- LANCET COMMISSION. One Health and global disease surveillance integration. *The Lancet*, 2026.
- LI, C.; et al. Invasive bacterial infections and emerging pathogen dynamics. *Emerging Infectious Diseases*, 2025.
- PIÑA-ITURBE, A.; et al. Salmonella outbreak and epidemiological surveillance systems. *Emerging Infectious Diseases*, 2025.
- ROSENTHAL, B.; et al. Zoonotic disease transmission and global risks. *PLoS Pathogens*, v. 11, n. 7, 2015.
- SERGEANT, A. Privacy, exploitation and global disease surveillance. *Global Health Review*, 2025.
- SHEN, Y.; et al. Progress and challenges in infectious disease surveillance: a global perspective. *Journal of Infection and Public Health*, 2025.
- VAN DER ENDE, J.; et al. Cocirculation of dengue virus serotypes in Amazon regions. *Emerging Infectious Diseases*, 2025.
- WALKER, R. J.; et al. Global perspectives on infectious disease threats and surveillance priorities. *Scientific Reports*, 2025.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. International Health Regulations (IHR). Geneva: WHO, 2023.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global antimicrobial resistance and use surveillance system (GLASS) report. Geneva: WHO, 2025.



CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). Emerging Infectious Diseases
Journal. Atlanta: CDC, 2025.

